

O ESTADO ISLÂMICO DO IRAQUE E DO LEVANTE: FUNDAMENTOS POLÍTICOS À VIOLÊNCIA POLÍTICA

*The Islamic State of Iraq and the Levant:
Political Fundamentals for Political Violence*

Natalia Nahas Calfat¹

Introdução

O Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIS, em sua sigla em inglês, para *The Islamic State of Iraq and al-Sham*) tem atraído muita atenção nos últimos meses após significativos ganhos militares na Síria e no Iraque. Inicialmente, é preciso dizer que pouco se sabe efetivamente sobre o ISIS. É escasso e superficial o conhecimento sobre as bases sociais do grupo, assim como de que forma são obtidos seus ganhos militares e qual a real natureza da coalizão da qual ele é resultado - de rebeldes islâmicos na Síria até *ba'athistas* seculares no Iraque (DOOSTDAR, 2014, p. 1-2). Tampouco se sabe detalhadamente como o ISIS administra a vida 6,5 milhões de pessoas que residem nos territórios sob seu controle, ou sobre os militantes que lutam em suas fileiras, para além das auto representações divulgadas pelo grupo. Desconhece-se, por exemplo, se e como a liderança do grupo mantém uma consistência ideológica entre os novos recrutas. Como argumenta Alireza Doostdar, “O percebido senso de coerência do grupo como um califado com clara cadeia de comando é produto direto do aparato propagandístico do ISIS, e estamos carentes de demais evidências” (DOOSTDAR, 2014, p. 2). Isto posto, e apesar das inúmeras dificuldades apresentadas, será nossa tentativa neste artigo procurar esclarecer os fundamentos políticos e sociais da ascensão do grupo, buscando superar o discurso religioso perpetrado através de suas narrativas e das ações cometidas pelo grupo.

A alta capacidade organizacional do ISIS, não somente em termos de suas conquistas militares e territoriais como em termos administrativos, econômicos e tributários, denota alto grau de profissionalismo e sofisticação entre suas fileiras e lideranças. De acordo com o Instituto Norte-Americano para Estudos de Guerra, o grupo levantou US\$ 8 milhões em receita somente na cidade iraquiana de Mossul (WATSON, 2014; MCELROY, 2014; BILGER, 2014). O autoproclamado Estado Islâmico faz uso estratégico das mídias sociais e de sua alta capilaridade para recrutar mais adeptos e disseminar sua propaganda (MCELROY, 2014). O ISIS

¹ Mestranda em Ciência Política pela Universidade de São Paulo, pós-graduada em Política e Relações Internacionais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. É membro integrante do Grupo de Trabalho sobre Oriente Médio e Mundo Muçulmano da Universidade de São Paulo (Laboratório de Estudos Asiáticos/FFLCH). (natalianahas@gmail.com).

controla territórios tanto no Iraque quanto na Síria, mantém extensas capacidades militares, controla linhas de comunicação, comanda infraestrutura, se autofinancia e se engaja em sofisticadas operações militares, configurando-se como um “pseudo-Estado liderado por um exército convencional” (CRONIN, 2015, p. 88). A Agência Central de Inteligência Norte-Americana acredita que o ISIS possa ter até 31.000 combatentes no Iraque e na Síria, três vezes mais do que se acreditava anteriormente, com quase um terço deles sendo composto de estrangeiros (BATTLE... 2015).

O Estado Islâmico detém atualmente controle de grande parte da Síria e do Iraque² e em 30 de Junho de 2014 declarou a criação de um Califado, ou Estado Islâmico, que se estenderia desde Aleppo, na Síria, até a província de Diyala, no Iraque, passando por Homs, Damasco, Mossul e Bagdá (BATTLE... 2015). A ascensão do ISIS também ameaça as fronteiras com a Turquia, especialmente no que tange à sua população curda (SALIH, 2015). Avanços contrários têm sido registrados pelo lado sírio em aliança com o libanês Hezbollah, e também do lado curdo, cujas tropas avançam em direção à Mossul. As tropas peshmergas curdas têm sido capazes fazer avanços significativos à leste, oeste e norte de Mossul. A cidade e grandes áreas do norte e leste do Iraque foram tomadas pelo ISIS em Junho de 2014, provocando um êxodo de minorias curdas, turcomenas e de cristãos caldeus (KURDS... 2015). A coalizão liderada pelos EUA que inclui Reino Unido, Bahrein, Jordânia, Qatar, Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos lançou milhares de ataques aéreos contra os alvos militantes do Estado Islâmico no Iraque e na Síria desde o início da campanha em 08 de Agosto de 2014 (BATTLE...2015).

Apesar da acurada análise deste fenômeno e de sua origem essencialmente política serem obscurecidas pela multiplicidade de estereótipos amplamente propagados sobre o islã – sobretudo no que diz respeito a sua natureza essencialmente violenta - será nosso objetivo neste artigo contribuir para o esclarecimento da emergência do ISIS em um contexto de vácuo de poder no Iraque e na Síria. Através de um breve levantamento das origens da ascensão do ISIS será possível esclarecer que o Estado Islâmico do Iraque e do Levante é fruto da exclusão de importantes forças políticas iraquianas com a queda de Saddam Hussein; do vácuo político que se instaurou em importantes regiões na Síria a partir da Guerra Civil de 2011 e reflexo de um longo ciclo de violência endêmica na região.

Como Compreender o ISIS?

Ainda nos parecem necessários os esforços para explicar a marginalidade do Estado Islâmico e de sua belicosa interpretação das fontes tradicionais do islã e em alertarmos contra o entendimento desta visão marginal como representativa de todo o islã. Estes esforços nos são exigidos em virtude da presença de publicações e comentários de estudiosos alegando uma suposta essência cultural ahistórica do islã violento e em virtude da manutenção de clichês islamofóbicos. Estas associações levam o leitor descuidado a crer que a violência política, quando apropriada por muçulmanos, expressa uma característica essencial do islã em geral. A vasta maioria dos muçulmanos ao redor do mundo, de fato, rejeita o ISIS, e afirma que este não representa o islã ou qualquer muçulmano, vez que contraria as escrituras religiosas.

² Atualmente o ISIS controla cidades ao nordeste e leste da Síria como Jarablus, Alepo, Raqqa, Tebni, Tal Hamis, Abu Hamam e Bukamal e no noroeste e oeste do Iraque como Rutba, Qaim, Tal Afar, Mossul, Sharqat, Rashad e Falluja.

As verdadeiras razões para a rápida e forte emergência do grupo assim como seus objetivos através da instauração do Estado Islâmico ainda permanecem de certo modo encobertas. Em realidade, a ascensão do Estado Islâmico foi resultado de uma história política e de contextos específicos. Neste sentido, defende Jeremy Walton (2014), existe uma explicação política para a violência cometida pelo ISIS em nome do islã, de modo que a compreensão histórica do fenômeno é fundamental para que se possa entender a ascensão e forte apelo do grupo (WALTON, 2014). Sentimentos de injustiça, cassação de direitos básicos, corrupção e regimes corruptos são levantados por Ramadan (2014) como gatilho para criação do ISIS. A bandeira religiosa é somente uma suposta forma de legitimar seu apelo através da qualificação do grupo como 'islâmico'. Os maiores problemas a serem direcionados são endêmicos às próprias sociedades civis árabes, como suas ditaduras corruptas, falta de abertura das sociedades civis, de liberdade e de respeito à direitos básicos (RAMADAN, 2014).

O Desmantelamento do Estado Iraquiano e Administração dos Territórios

É possível atrelar as origens do autodenominado Estado Islâmico aos desdobramentos da invasão do Iraque pelos EUA em 2003. O militante jordaniano Abu Musab al-Zarqawi alinhou sua organização 'Jama'at al-Jihad-Tawhidw'al' à al-Qaeda, transformando-a em 'al-Qaeda do Iraque'. Em 2005 sucessores de Zarqawi rebatizaram a 'Al-Qaeda do Iraque' como o 'Estado Islâmico do Iraque' e, mais tarde, como 'Estado Islâmico do Iraque e al-Sham' (ISIS), refletindo as ambições de expansão viabilizadas com a guerra na Síria (LAUB; MASTERS, 2015). O grupo, inicialmente uma franquia da Al-Qaeda no país, rompeu com a organização de Bin Laden, tornando-se seu rival. A divisão reflete diferenças estratégicas e ideológicas, especialmente no que tange à crítica da Al-Qaeda ao seu opositor em virtude da concentração de seus ataques a alvos civis xiitas ao invés de forças norte-americanas, seus aliados ocidentais e regimes considerados apóstatas na região, fomentando uma guerra sectária. Atualmente na Síria os grupos competem por poder e por recrutas entre outras tantas forças militantes (LAUB; MASTERS, 2015).

A ascensão do Estado Islâmico do Iraque e do Levante está intimamente ligada ao desmantelamento do Estado iraquiano após a queda de Saddam Hussein e a fomentação de divisões sectárias através do apoio ao governo xiita empossado no país, além de discriminação política e econômica da população sunita. Adicionalmente, o Estado Islâmico cresceu significativamente com o apoio estrangeiro a sua participação na guerra civil síria contra o presidente Bashar al-Assad. De acordo com Reginaldo Nasser (2014):

A invasão do Iraque pelos EUA e o conseqüente desmantelamento do Estado iraquiano são o ponto de partida para compreender as razões da origem do grupo. Um dos motivos de sua ascensão no Iraque deve-se ao fato do crescente alijamento da população de sunitas, dominado pelo governo do primeiro-ministro xiita Nuri al-Maliki. Cerca de 20% dos iraquianos, em torno de 6 milhões nas províncias sunitas, foram excluídos do regime. Eles são constantemente perseguidos, não conseguem trabalho, trata-se de uma verdadeira punição coletiva, de jovens desempregados nas aldeias que não têm alternativa a não ser aderir ao ISIS. Na verdade, a unidade entre a resistência sunita e xiita sempre foi motivo de preocupação para os americanos, que fomentaram, desde o início da ocupação do Iraque, em 2003, as divisões sectárias (NASSER, 2014, p. 1-2).

Reza Aslan, professor de estudos religiosos na Universidade da Califórnia, afirmou que o que faz o Estado Islâmico tão poderoso é ser capaz de fazer uso de uma série de ressentimentos e de queixas que

muitos iraquianos - sírios e inclusive muitos muçulmanos ao redor do mundo - possuem para arrastar novos membros à sua causa. De acordo com Aslan, enquanto estes ressentimentos não forem atendidos, o apelo do grupo permanecerá intacto. Adicionalmente, defendeu Aslan, a questão Síria também deve ser tratada (ASLAN, 2014).

Em termos militares, de acordo com Nasser (2014), as fileiras do ISIS são compostas por ex-oficiais das forças armadas iraquianas, o que ajuda a explicar o sucesso do ISIS no campo de batalha, uma vez que o grupo:

[...] permite articular a habilidade militar tradicional às táticas insurgentes de grupos que adquiriram grande experiência nos anos de luta contra as tropas americanas. [...] (o ISIS) é capaz de conjugar com bastante eficiência as características das ações de forças armadas tracionais, coordenando operações militares em grandes áreas, com ações de insurgência e terrorismo de unidades de combate que adquiriram experiência nos últimos anos. (NASSER, 2014, p. 2).

Os generais militares *ba'athistas* do governo de Saddam Hussein foram por muito tempo desconsiderados pelos Estados Unidos, juntamente com os sunitas a oeste do Iraque, e agora passaram a engrossar as fileiras do ISIS. De acordo com Jeremy Scahill, Paul Bremer, então enviado norte-americano ao país, despediu imediatamente 250.000 soldados iraquianos unicamente por serem membros do partido Baath. “Foi o dia em que fizemos um quarto de milhão de inimigos no Iraque”, disse um oficial sênior dos EUA na ocasião (SCAHILL, 2014, p. 2). Quando os Estados Unidos colocou no poder um governo liderado pelos xiitas sob a liderança de Nouri al-Maliki, “isto efetivamente operou uma rede de grupos de extermínio que sistematicamente atacava sunitas” (SCAHILL, 2014, p. 2). Para além do elemento radical presente no ISIS, do Califado e da interpretação rígida da sharia, Scahill (2014) afirma também – e ele suspeita que estas sejam as melhores figuras militares – que suas fileiras são compostas por largos contingentes de pessoas que estão lutando a mesma batalha que lutavam quando os Estados Unidos originalmente invadiu o Iraque.

Os avanços militares do ISIS ocorreram em boa parte também em virtude do apoio popular sunita no Iraque, que não legitima o governo xiita percebido como excludor de Al-Maliki. Os 20% de sunitas que compõem a população iraquiana vinham cultivando um espírito de revanchismo contra a maioria xiita (60%) desde a formação deste governo após a invasão norte americana. Em Mossul, por exemplo, inicialmente não houve grande resistência da população local ao novo regime imposto pelo ISIS. Não porque esta população iraquiana fosse terrivelmente propensa ao sadismo, mas porque muitos dos que acabaram assumindo a administração eram conhecidos na cidade, já ocupavam cargos públicos na época do governo de Saddam Hussein. Todos os salários eram pagos em dia, dado raro após a queda do ditador. Durante o governo de Al-Maliki “a interminável disputa entre as facções políticas na cidade e na província e os conflitos com o governo central em Bagdá impediram o desenvolvimento de Mossul. A corrupção e o nepotismo se tornaram rotineiros” (WELLE; SVENSSON, 2015, p. 1-2). As pessoas estavam fundamentalmente cansadas daquela realidade, razão pela qual a população de início simpatizou com o grupo.

Em 2013 Maliki rejeitou a inclusão de muitos dos milicianos sunitas nas forças de segurança - um processo de integração defendido por forças norte-americanas - prendendo alguns de seus líderes. Em 2013, forças de segurança reprimiram protestos populares, contribuindo para o senso de perseguição entre a

comunidade sunita. Maliki purgou do corpo de oficiais iraquianos potenciais rivais, o que, combinado com a deserção e a corrupção, contribuíram para o colapso do exército iraquiano com a tomada de Mosul pelo ISIS em Junho de 2014. (LAUB; MASTERS, 2015)

De modo que o senso de privação de direitos pelos sunitas no Iraque e na Síria criou um vácuo que vem sendo explorado pelo Estado Islâmico. No Iraque, uma minoria sunita foi afastada da política nacional depois da queda de Saddam Hussein. Maliki cimentou seu próprio poder com a retirada das forças norte-americanas em 2010, praticando o que foi amplamente denunciado como uma política divisória de exclusão de rivais políticos sunitas e que concedia benefícios desproporcionais aos xiitas (LAUB; MASTERS, 2015). Na Síria, uma guerra civil eclodiu em 2011 colocando a minoria dominante de alauítas (uma ramificação xiita) contra a oposição, principalmente sunita, gerando intensa violência sectária – igualmente explorada pelo ISIS.

Em termos fiscais e administrativos, Nasser (2014) explica que o Estado Islâmico estabelece ministérios, tribunais e até mesmo um sistema de tributação rudimentar nos territórios dominados, também na Síria, os quais, segundo especialistas, seriam consideravelmente menos espoliativos do que o governo de Assad. “Ao assumir o controle de uma cidade, procura administrar a distribuição de água, farinha e outros recursos, além policiar ruas, fornecer eletricidade e fiscalizar o comércio, colocando em prática o que parece ser o início de estruturas quase estatais” (NASSER, 2014, p. 2). O Estado Islâmico fornece eletricidade e água, paga salários, controla o trânsito e gerencia praticamente tudo de padarias à bancos e escolas, tribunais e mesquitas (KAROUNY, 2014). O Estado Islâmico também declarou em Novembro de 2014 o desejo em cunhar sua própria moeda, reinstalando o antigo dinar islâmico sobre as áreas sob seu controle. O objetivo do grupo seria “emancipar-se do satânico sistema econômico global” (ENSOR, 2014). O Estado Islâmico paga aos seus combatentes salários mensais estimados em mais de US\$ 350, acima do que é oferecido por grupos rebeldes rivais, do oferecido pelo governo iraquiano e quase cinco vezes o salário do sírio comum nos territórios controlados pelo Estado Islâmico (LAUB; MASTERS, 2015)

Além do financiamento através do controle dos campos de gás e petróleo – que geram de US\$ 2 a 3 milhões diários aos militantes - o financiamento do ISIS se dá também através da cobrança de impostos, de pedágios, de extorsão e de sequestros (NASSER, 2014). Raqqa ao norte da Síria é frequentemente citada como a capital de facto do Estado Islâmico. Nela o grupo estabeleceu algumas novas instituições (como por exemplo, judiciais, policiais e econômicas) e cooptou outras (como educação, saúde e infraestrutura) para oferecer aos residentes um mínimo de serviços e consolidar seu controle sobre a população (LAUB; MASTERS, 2015). Assim, onde o ISIS detém o poder, seu pseudo-Estado coleta impostos, regula preços, opera tribunais e administra serviços que vão de saúde e educação à serviços de telecomunicações. De acordo com Alireza Doostdar (2014), o que chamamos de ISIS é mais do que apenas um culto militante. Atualmente o ISIS controla uma rede de amplos centros populacionais, com milhões de habitantes, além de recursos de petróleo, bases militares e estradas:

Ele tem que administrar os assuntos das populações sobre as quais ele governa, e isso exigiu comprometimento, transigência e construção de coalizões, e não apenas a força bruta. No Iraque, o

grupo teve que trabalhar com baathistas seculares, ex-militares, conselhos tribais, e vários grupos de oposição sunitas, muitos cujos membros estão em posições administrativas. Na Síria, teve também de negociar com outras facções rebeldes, bem como com tribos, e baseia-se em *expertise* técnica local (não do ISIS) para gerenciar serviços como a água, eletricidade, saúde pública e padarias (DOOSTDAR, 2014, p. 2).

Razões Para a Atração Fatal Exercida Pelo ISIS

Maha Yahya (2014), pesquisadora do *Carnegie Middle East Center*, busca explicar a razão da atração específica gerada pelo ISIS, especialmente sobre seus novos membros. De acordo com Yahya, o grupo detém um forte apelo e certamente religião e mídias sociais possuem um importante papel no angariamento de novos integrantes. Contudo, outras tendências explicam a atração fatal exercida pelo ISIS. Yahya (2014) aponta em primeiro lugar as falhas nos sistemas árabes de educação, de aceitação acrítica das autoridades e fomentação de narrativas étnicas e sectárias, que além de não fomentarem a democracia também incentivam narrativas de confronto inter-religioso³.

Em segundo lugar, faltam oportunidades econômicas e Estados de bem-estar social mais fortalecidos nestas sociedades (YAHYA, 2014). A liberalização econômica dos Estados árabes minaram seus sistemas de *welfare* existentes e removeram as garantias de emprego público sem oferecer alternativas. De acordo com Yahya (2014), a falta de incentivo em setores produtivos e na economia geraram alto grau de desemprego e forte crescimento da economia informal, o que é catastrófico para países tão jovens. De acordo com a autora, 29% da juventude árabe é desempregada apesar do seu alto grau educacional. Governos também encorajaram grupos ultraconservadores a serem firmes promovendo assistência social, já que eram percebidos como apolíticos. Seu crescimento hoje é percebido como uma ameaça a estes próprios Estados. A busca destes jovens desempregados e insatisfeitos por outras entidades - usualmente islamistas - é feita por pura sobrevivência e pela busca de um maior sentido de ser. Adicionalmente, a má governança criou um sentimento arraigado de injustiça e de falta de confiança nos respectivos governos nacionais e lideranças políticas (YAHYA, 2014).

A repressão da Primavera Árabe também teria agravado o problema. De acordo com Yahya, a repressão após as revoltas da Primavera Árabe, às vezes em tom ideológico ou sectário, exacerbou a discórdia social, instigou a polarização social e as tensões sectárias. Esta repressão abriu ou acentuou as fendas na juventude desraigada que se empoderara com a Primavera Árabe na sua busca por um maior senso de propósito e de identidade. Para a juventude sunita desafetosa, voltar-se para um grupo sunita militante com espetacular poder em campo é um posicionamento pela comunidade. E o ISIS aptamente manipula sentimentos sectários e explora o crescente senso de vitimização da juventude sunita. Muitos governos árabes vêm igualmente explorando o instrumento sectário para consolidar seu poder político e marginalizar os demais (YAHYA, 2014).

Finalmente, não há nenhuma confiança no ocidente: o ISIS propaga a narrativa de contínua falta de coerência dos poderes ocidentais e da comunidade internacional. A ocupação na Palestina e a impunidade

³ Autoritarismo e sectarismo no tecido social árabe, de modo geral, são sim um mal nestas sociedades, contudo, não se pode afirmar que haja total convivência com ditaduras locais, o que além de impreciso - haja vista a erupção da Primavera Árabe - significa alijar estas populações de sua capacidade crítica e analítica. Fundamentalmente é importante dizer que o autoritarismo e o sectarismo fomentado no seio destas sociedades árabes são sim fortemente responsáveis pela ascensão do ISIS.

de Israel é uma ferida permanente para muitos e, de acordo com Yahya (2014), 77% dos árabes sentem que esta é uma causa árabe. Invasões como na Líbia e no Iraque, apoio à repressão no Yemen e fomento à grupos radicais na Síria demonstram uma “insinceridade do ocidente”. O Califado Islâmico seria, portanto, uma alternativa viável através da qual se pudesse alcançar estes direitos árabes e muçulmanos, e que já prova sua força no campo de batalha (YAHYA, 2014).

Financiamento e o Papel das Monarquias do Golfo

A ascensão e fortalecimento do ISIS também estão intimamente ligados ao financiamento internacional da organização e o fomento pelas monarquias do Golfo Árabe de grupos sunitas ‘fundamentalistas’ para fazer frente ao chamado ‘eixo de resistência’ composto pelo Irã, pela Síria e pelo Hezbollah, em um claro movimento estratégico de contrabalanceamento do poder através de matizes religiosos. De acordo com Thomas Farran, especialista em História e Política Árabe Moderna, o Estado Islâmico foi considerado durante um bom tempo como parte legítima da luta popular síria contra o regime do ditador Assad, o que fez com que os EUA tivessem alguma proximidade com o grupo, assim como seus aliados regionais, notadamente os países do Golfo encabeçados pela Arábia Saudita – esta mais preocupada com guerra ideológica travada com o Irã e com o Qatar pela influência regional (CARVALHO; GOMES, 2015). Deste modo, afirma Farran, “Riad encontrou uma forma de combater os avanços de grupos associados à Irmandade Muçulmana (representante de uma vertente pan-islamista), apoiada pelo Qatar, e movimentos de resistência xiita, apoiados pelo Irã” (CARVALHO; GOMES, 2015, p. 6).

Segundo estimativas de diferentes fontes, a monarquia saudita – e, mais recentemente, o Catar – teriam investido desde a década de 1970 cerca de US\$ 3 bilhões por ano para financiar a formação e exportação de xeques e a construção de escolas religiosas (madrassas), universidades, centros islâmicos, mesquitas, fundações e instituições missionárias em todo o mundo para disseminar o wahabismo (CARRANCA, 2015). Em levantamento feito até 11 de Setembro, a Arábia Saudita teria colocado pelo menos US\$ 2 trilhões nessa campanha. Analistas estimam que o Estado islâmico entre 2013 e 2014 tenha acumulado até US\$ 40 milhões de doadores na Arábia Saudita, Qatar e Kuwait (LEVITT, 2015; HUMUD; PIROG; ROSEN, 2015). De acordo com o general Jonathan Shaw, ex-comandante das forças britânicas no Iraque, Catar e Arábia Saudita inflamaram uma bomba-relógio ao financiar a propagação global do Islã radical. Estes dois países seriam “os principais responsáveis pelo crescimento do extremismo islâmico que inspira os terroristas do EI” (CARRANCA, 2015, p. 2). Apesar dos investimentos do golfo não configurarem razão própria da ascensão do ISIS, eles certamente contribuíram para o fomento e rápida expansão do grupo no Levante.

Violência Política Demanda Explicação Política

De acordo com o antropólogo Jeremy Walton, professor de estudos religiosos islâmicos e secularismo na Universidade de Nova Iorque (2014), as críticas atuais ao ISIS repetem o 11 de Setembro e generalizam a violência política a todo o islã. É preciso que se analise, inversamente, as causas políticas que

geram a violência. O terrorismo é um instrumento político que responde a causas políticas e sectárias. De acordo com o autor, o ISIS goza de um grau de legitimidade no norte do Iraque e na Síria não porque os residentes árabes sunitas destas áreas sejam “amantes sanguinários de decapitações” – explicação moral amplamente difundida – mas em virtude de sua situação dentro destes tensos contextos políticos e históricos (WALTON 2014). O sucesso e engajamento de ocidentais ao ISIS seriam decorrentes da juventude europeia indignada e anômala, que cultiva sentimentos de cassação de direitos e de perseguição dentro da Europa. Cabe, portanto, determinar as causas políticas do fenômeno, e não transformar a miríade de questões políticas e contextos históricos em questões morais sobre o islã. Assim, escreve o autor:

Enquanto há, sem dúvida, múltiplas razões para a persistência de clichés islamofóbicos, todos eles dependem de e recapitulam um pressuposto fundamental: que a violência política por parte dos muçulmanos expressa uma característica essencial do islã em geral. De acordo com essa lógica essencialista, todos os casos concretos de violência política são efeitos de uma única causa subjacente, e provocam a mesma questão redutora: “Por que é o islã tão violento?” Esta pergunta se envolve em uma espécie de alquimia conceitual. *Ela transforma uma miríade de questões políticas sobre contextos e histórias específicas em uma única questão moral sobre o islã.* Tais interrogatórios morais do islã são impermeáveis à insistência de que grupos como o ISIS não representam o islã como um todo, precisamente porque pressupõem que a única representação possível do islã em geral, é aquele violento. A interrogação moral do islã em geral não pode explicar grupos como o ISIS e sua violência. *Pelo contrário, cabe aos estudiosos e especialistas perseguirem as causas políticas atadas que dão origem à violência política* (WALTON, 2014, grifos nossos, p 1-2).

O endereçamento às referidas causas políticas, no mínimo, implicaria um relato das décadas de desigualdade comunitária e da guerra no Iraque e na Síria, onde dois regimes *Ba’athistas* – o de Saddam Hussein no Iraque e de Bashar al-Assad na Síria – atrelaram representação política e privilégio econômico à identidade sectária e étnica - árabes sunitas no caso do Iraque e alawitas no caso da Síria (WALTON 2014). Assim, os ressentimentos sectários que alimentam o avanço do ISIS decorrem de duas histórias distintas: por um lado, a inversão do destino político que sunitas iraquianos árabes experimentaram desde a queda de Saddam Hussein, e, por outro, as queixas e o senso de cidadania de segunda classe por parte de sujeitos sunitas marginalizados pelo regime de Assad (WALTON 2014).

Além do norte da Mesopotâmia, um segundo contexto político também é indispensável para a compreensão ISIS: o da anomia e indignação experimentadas por muitos jovens muçulmanos urbanos, especialmente na Europa Ocidental, que responderam às táticas de recrutamento do ISIS fundamentalmente devido ao seu senso coletivo de cassação. O autor aponta o grande número de limitações e falhas do multiculturalismo euro-americano e a consciência aguda dessas falhas por parte de muitos muçulmanos.

No mesmo sentido escreve Alireza Doostdar (2014), ao defender que não se pode assumir que o ISIS seja um “fenômeno *causa sui*, que, de repente, materializou-se do fino éter de uma doutrina do mal”. O ISIS teria emergido “dos incêndios da guerra, da ocupação, das matanças, tortura, da privação de direitos e das limitações à emancipação”. Ele não teve que vender a sua doutrina para ganhar novos recrutas. “Ele precisava, acima de tudo, provar a si mesmo eficaz contra os seus inimigos” (DOOSTDAR, 2014, p. 2). No Iraque, as cidades que agora são controladas pelo ISIS foram algumas das mais resistentes ao controle americano durante a ocupação e mais recalcitrantes em face ao novo Estado recém-estabelecido. A destruição que essas cidades enfrentaram só parece ter endurecido o desafio de seus moradores. Fallujah, a

primeira cidade iraquiana a cair nas mãos do ISIS, é famosa por sua devastação durante as operações de contra insurgência dos Estados Unidos em 2004. E ainda luta com as consequências creditadas ao urânio empobrecido presente nas munições americanas (DOOSTDAR, 2014). Em Mossul, muitos daqueles que se juntaram ao ISIS no verão passado já haviam sido presos pelo governo iraquiano. Eram contados aos milhares e incluíam manifestantes pacíficos que se opunham ao governo cada vez mais autoritário do primeiro-ministro Nuri al-Maliki. Para Doostdar, situação na Síria não é inteiramente diferente. O ISIS emergiu na cena depois de um longo período de lutas que tiveram início com os protestos pacíficos em 2011 e deterioraram-se em uma guerra civil depois que as forças militares e de segurança do presidente Bashar al-Assad empregaram repetidamente força brutal contra a oposição (DOOSTDAR, 2014). Um grande número de combatentes do ISIS na Síria (assim como no Iraque) são, de fato, estrangeiros, mas a maioria são recrutas locais.

Jeremy Scahill fala sobre como a invasão do Iraque pelos EUA, em 2003, ajudou a criar e empoderar a ameaça agora colocada pelo Estado Islâmico. Scahill também demonstra como as fileiras do ISIS estão intimamente relacionadas à queda de Saddam Hussein no Iraque e à guerra norte-americana (SCAHILL, 2014). A título de exemplo, aponta que um dos principais comandantes militares do ISIS, Izzat Ibrahim al-Douri al-Takriti, estava no baralho de cartas da invasão do Iraque, não tendo sido capturado pelos Estados Unidos. Secular, e um dos principais líderes baathistas, al-Takriti foi um dos mais importantes comandantes militares de Saddam Hussein. “A política dos Estados Unidos tem sido o seu pior inimigo, em um sentido: nós criamos as próprias ameaças que afirmamos estar lutando contra” afirma o autor (SCAHILL, 2014, p. 3).

De acordo com Sakai (2015), o ISIS é o resultado de falhas e erros cometidos durante o período pós-Guerra do Iraque (2003-) e durante a guerra civil Síria (2011-). No Iraque, frustração e decepção prevaleceram entre a população geral - não somente entre os sunitas - contra a corrupção, má gestão e falta de profissionalismo no governo pós-guerra. Os atores políticos não aceitaram a partilha de poder entre as diversas forças sociais e políticas e foram incapazes de estabelecer um governo de unidade nacional, especialmente durante o segundo mandato de Maliki. O primeiro-ministro começou a concentrar poder em torno de si e a expurgar rivais políticos sunitas já em 2011. Neste contexto, o ISIS tomou proveito da situação, detendo controle de Mossul e de outras cidades iraquiana nas regiões centrais e norte do país. A eficaz e rápida tomada de controle do ISIS revelou quão frágil era a confiança mútua entre os iraquianos, a consciência nacional no recém-criado Exército Nacional do Iraque e quão forte era a frustração entre os sunitas marginalizados no Norte e no Oeste – frustrados pela promessa de Maliki em garantir orçamento suficiente para incluí-los nas forças de segurança nacionais (SAKAI, 2015).

A guerra civil na Síria desde 2011 tem proporcionado território, recursos e dinheiro ao ISIS. Como a Síria tornou-se um "Estado em colapso", um vácuo de poder prevaleceu em diversas áreas, onde o ISIS estabeleceu suas próprias bases de poder. Os recursos financeiros das administrações locais foram confiscados pelo ISIS e o contrabando de petróleo foi o método mais fácil para obtenção de moeda estrangeira dos vizinhos. O ISIS igualmente apreendeu dinheiro e bens de organizações anti-Assad (SAKAI, 2015).

Para Doostdar (2014), raramente considera-se, por exemplo, que sensibilidades e motivações outras que não o mero comprometimento ao salafismo ou ao desejo de viver em um utópico califado muçulmano possam guiar as decisões destes combatentes. É possível, por exemplo, sugerir sentimentos de opressão e desumanização (DOOSTDAR, 2014). Afinal, trata-se de um amplo e longo circuito de violência que já dura mais de uma década e é auto percebido por estes militantes como reflexo de uma política ocidental ofensiva e anti-humanitária para a região. Ciclo de violência este composto também pela violência sectária entre sunitas e xiitas que tomou conta do Iraque após 2003 (SCAHILL, 2014). Deste modo, conclui Alireza Doostdar:

A brutalidade do ISIS não surgiu em um vácuo; ao contrário, é parte de toda uma ecologia de crueldade espalhada por mais de uma década [...]. A questão não é identificar quando a crueldade emergiu na longa Guerra Global Contra o Terrorismo liderada pelos Estados Unidos – mas que a visão de que uma doutrina religiosa particular é exclusivamente extremista não irá nos ajudar a compreender os ciclos de brutalidade que se alimentaram em anos de circulação de narrativas e imagens de tortura, assassinatos violentos e profanação (DOOSTDAR, 2014, p. 6).

A dificuldade de contabilizar o ISIS em termos políticos é um efeito direto da força persistente do discurso moral sobre o islã. Existe uma imensa pressão para reagir à violência do ISIS em bases puramente morais. “Uma resposta política ao ISIS não é politicamente viável na Europa Ocidental e na América do Norte porque o pânico moral domina as representações públicas do islã”, afirma Walton (2014, p. 2). Para o autor, não existe um único porque para o ISIS. Existem muitos porquês. No entanto, só podemos atender a essas múltiplas causas, a esta miríade de porquês, quando “reconhecemos a pobreza de respostas morais a questões políticas, e insistirmos em explicações políticas adequadas em seu lugar” (WALTON, 2014, p. 2-3).

Considerações Finais

A mera condenação dos atos propagados pelo ISIS como irracionais e desumanos não ajuda o investigador a avançar na compreensão das causas e motivações do fenômeno. O Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIS) é fruto da exclusão de importantes forças políticas iraquianas com a queda de Saddam Hussein e reflexo de um longo ciclo de violência endêmica na região. O ISIS seria, portanto, apesar de seus requintes de crueldade, mais um ator racional que faz uso da narrativa religiosa como instrumento para alcançar objetivos políticos.

O ISIS goza de grande capacidade discursiva e detém forte poder de adicionar às suas fileiras ocidentais que viviam então em bons padrões de vida. O fomento do radicalismo tem origens no Iraque, cujo vácuo institucional e democrático fomentou o surgimento do grupo, alvo também da conivência e apoio ocidental ao governo xiita após a derrubada de Saddam Hussein. Mas também possui suas origens nos privilégios econômicos e políticos atrelados a filiações étnicas e sectárias na Síria. Naturalmente, isto não elimina o apelo que o ISIS possui sobre jovens sunitas europeus que cultivam sentimentos de cassação e que buscam integração social e econômica na Europa, produtos do desajustado multiculturalismo e consequentes desigualdades. Todas estas problemáticas fomentam a sensação de não pertencimento e fazem proliferar o radicalismo. Isto tampouco elimina o papel fundamental desempenhado pelas

monarquias do Golfo, fundamentalmente Arábia Saudita e Qatar, em fomentar e financiar grupos fundamentalistas islâmicos e interpretações radicais das escrituras ao redor do mundo.

Só se pode endereçar às múltiplas causas – históricas, políticas e sociais - que foram responsáveis pela ascensão do ISIS, e à esta miríade de porquês, quando forem eliminadas as respostas morais ao problema e quando ele possa ser respondido fundamentalmente de forma política. O ISIS é essencialmente um problema político que possui raízes e contextos históricos bastante delimitados. Neste sentido também, a resposta à atuação do ISIS não pode envolver aumento do radicalismo nas doutrinas anti-terror, visto que estas somente acirram as desigualdades e fomentam o islã radical. Entidades como o ISIS se beneficiam da Guerra Contra o Terror – haja vista o maior poder de propaganda a ser explorado após a morte de civis por ataques aéreos com drones. Deste modo, é preciso que haja uma verdadeira revisão nas políticas estatais de combate ao terror, tanto no Oriente Médio como em outros países muçulmanos, fortalecendo a sociedade civil e privilegiando mecanismos sociais e institucionais ao invés de militares. E os governos árabes possuem um papel crítico no processo de solução desta ameaça. Nas palavras de Maha Yahya:

Mais do que denúncia de teólogos, especialistas e líderes religiosos muçulmanos, mais do que operações militares em andamento, é preciso fundamentalmente transformar como esta juventude percebe o mundo e fornecer alternativas reais para a mudança e para o avanço (YAHYA, 2014, p.2).

REFERÊNCIAS

- A VISUAL Guide to the Crisis in Iraq and Syria. **The New York Times**. Nova Iorque, 2 Fev. 2015. Disponível em: <http://www.nytimes.com/interactive/2014/06/12/world/middleeast/the-iraq-isis-conflict-in-maps-photos-and-video.html?_r=1>. Acesso em 13 de Fevereiro de 2015. (dados de 02 de Janeiro de 2015).
- AL-ASSAD, Bashar. President al-Assad to Foreign Affairs Magazine: Israel is Supporting Terrorist Organizations in Syria (Full Text). **Sana, Syrian Arab News Agency**. Damasco, 27 Jan. 2015. Disponível em: <<http://sana.sy/en/?p=26278>>. Acesso em 06 de Fevereiro de 2015.
- ASLAN, Reza. Reza Aslan: ISIS Fighting a 'War of Imagination'. Interview, CNN Tonight, **CNN**. Atlanta, 9 Set. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vz_8HU-mQfc>. Acesso em: 28 jan. 2015.
- BATTLE for Iraq and Syria in Maps. **BBC**. Londres, 2 Fev. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-27838034>>. Acesso em: 13 fev. 2015. (dados de 26 de Janeiro de 2015).
- BILGER, Alex. ISIS Annual Reports Reveal a Metrics-driven Military Command. **ISW, Institute for the Study of War**. Washington DC, 22 Mai. 2014. Disponível em: <http://www.understandingwar.org/sites/default/files/ISWBackgrounder_ISIS_Annual_Reports_0.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2015.
- BOGHARDT, Lori. Saudi Funding of ISIS. **The Washington Institute For Near East Policy**. Washington DC, 23 Jun. 2014. Disponível em: <<http://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/view/saudi-funding-of-isis>>. Acesso em: 06 fev. 2015.

- CARRANCA, Adriana. US\$ 3 bi Por Ano Para Produzir Extremistas. **Jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo, 19 Jan. 2015. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/blogs/adriana-carranca/us-3-bi-por-ano-para-produzir-extremistas/>>. Acesso em: 24 fev. 2015.
- CARVALHO, Igor; GOMES, Vinícius. Guerra ao Estado Islâmico: Sem Fim à Vista. **Revista Forum**. São Paulo, 18 Fev. 2015. Disponível em: <<http://revistaforum.com.br/digital/especial/guerra-ao-estado-islamico-sem-fim-vista/>>. Acesso em: 24 fev. 2015.
- CRONIN, Audrey. ISIS is Not a Terrorist Group: Why Counterterrorism Won't Stop the Latest Jihadist Threat. **Foreign Affairs**. v. 94, n. 2, p. 87-98, 2015. Nova Iorque, Mar/Abr. 2015. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/system/files/pdf/issues/2015/94200.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2015.
- DIAS, Marli Barros. Camp Bucca: Berço Provável do Estado Islâmico. **CEIRI Newspaper**. São Paulo, 30 Dez. 2014. Disponível em: <<http://www.jornal.ceiri.com.br/camp-bucca-berco-provavel-do-estado-islamico/>>. Acesso em: 24 fev. 2015.
- DOOSTDAR, Alireza. How Not to Understand ISIS. **Jadaliyya**. Washington e Beirute, 2 Out. 2014. Disponível em: <<http://www.jadaliyya.com/pages/index/19485/how-not-to-understand-isis>>. Acesso em: 29 jan. 2015.
- ENSOR, Josie. Islamic State announces its own currency. **The Telegraph**. Londres, 14 Nov. 2014. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/islamic-state/11230324/Islamic-State-announces-its-own-currency.html>>. Acesso em: 13 fev. 2015.
- GERMAN Minister Accuses Qatar of Financing ISIS. **Al Arabiya News**. Dubai, 20 Ago. 2014. Disponível em: <<http://english.alarabiya.net/en/News/middle-east/2014/08/20/German-minister-accuses-Qatar-of-financing-ISIS-.html>>. Acesso em: 06 fev. 2015.
- HUMUD, Carla; PIROG, Robert; ROSEN, Liana. Islamic State Financing and U.S. Policy Approaches. **Congressional Research Service**. Washington DC, 10 Abr. 2015. Disponível em: <<https://www.fas.org/sgp/crs/terror/R43980.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2015.
- KAROUNY, Mariam. How ISIS is Filling a Government Vacuum in Syria With an 'Islamic State'. Nova Iorque, **The World Post**. , 09 Abr. 2014. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/2014/09/04/isis-government-syria_n_5763536.html>. Acesso em: 05 jul. 2015
- KURDISH Peshmerga Call For Heavy Weaponry to Take Their Fight to Isis. **The Guardian**. Londres, 22 Fev. 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/feb/22/kurdish-peshmerga-call-for-heavy-weaponry-to-take-their-fight-to-isis>>. Acesso em: 23 de fev. 2015.
- KURDS Advancing on Mosul **Now**. Beirute, 12 Fev. 2015. Disponível em: <<http://www.worldaffairsjournal.org/content/kurds-advancing-mosul>>. Acesso em: 23 fev. 2015.
- LAUB, Zachary; MASTERS, Jonathan. The Islamic State. **Council on Foreign Relations**. Nova Iorque e Washington DC, 18 Mai. 2015. Disponível em: <<http://www.cfr.org/iraq/islamic-state/p14811>>. Acesso em: 05 jul. 2015.
- LEVITT, Matthew. Countering ISIL Financing: A Realistic Assessment. **Washington Institute for Near East Policy**. Washington DC, 02 Fev. 2015. Disponível em: <<https://www.washingtoninstitute.org/uploads/Documents/other/LevittStatement20150202-v3.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2015.

- MCELROY, Damien. 1,083 Assassinations, 4,465 Car Bombs: ISIS Publishes Detailed Figures on Terror Campaign. **The Telegraph** and **National Post**. Londres e Toronto, 19 Jun. 2014. Disponível em: <<http://news.nationalpost.com/2014/06/19/isis-laid-out-its-deadly-plans-in-annual-report-given-to-potential-donors-to-iraqi-terror-group/>>. Acesso em: 13 fev. 2015.
- NASSER, Reginaldo. A Miséria do Terror Islâmico. **Carta Maior**. São Paulo, 16 Jan. 2015. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FPolitica%2FA-miseria-do-terror-islamico%2F4%2F32658>>. Acesso em: 24 fev. 2015.
- NASSER, Reginaldo. O Que Move o Estado Islâmico?. **Carta na Escola**. São Paulo, Ed. 92, Nov. 2014. Disponível em: <<http://www.cartanaescola.com.br/mobile/single/469>>. Acesso em: 13 fev. 2015.
- RAMADAN, Tariq. Tariq Ramadan: 'ISIL is not Islamic'. Interview, Talk to Al Jazeera, Al Jazeera. Doha, 11 Out. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J4J8tsRkFLM>>. Acesso em: 29 jan. 2015.
- ROGIN, Josh. America's Allies Are Funding ISIS. **The Daily Beast**. Nova Iorque, 14 Jun. 2014. Disponível em: <<http://www.thedailybeast.com/articles/2014/06/14/america-s-allies-are-funding-isis.html>>. Acesso em: 06 fev. 2015.
- SAKAI, Keiko. ISIS and Sectarianism as a Result of a Meltdown of the Regional Orders in the Middle East. **International Relations and Diplomacy**, v. 3, n. 4, p. 265-278, Abr. 2015. Disponível em: <http://www.davidpublisher.org/Public/uploads/Contribute/5559860067a3b.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2015.
- SALIH, Mohammed. Kobane: The beginning of the end for ISIL. **Al Jazeera**. Doha, 27 Jan. 2015. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/2015/01/kobane-beginning-isil-201512782724826681.html>>. Acesso em: 29 jan. 2015.
- SAMAHA, Nour. Nasrallah: Hezbollah to respond to Israeli attacks. **Al Jazeera**. Doha, 30 Jan. 2015. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/2015/01/nasrallah-hezbollah-respond-israeli-attacks-150130154836460.html>>. Acesso em: 06 fev. 2015.
- SCAHILL, Jeremy. Jeremy Scahill on Obama's Orwellian War in Iraq: We Created the Very Threat We Claim to be Fighting. **Democracy Now**. Nova Iorque, 03 Out. 2014. Disponível em: <http://www.democracynow.org/2014/10/3/jeremy_scahill_on_obamas_orwellian_war>. Acesso em: 29 jan. 2015.
- SYRIAN Troops, Hezbollah Launch Major Offensive Near Golan. **The Washington Post**. Washington DC, 11 Fev. 2015. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/world/middle_east/syrian-government-troops-advancing-south-of-damascus/2015/02/11/ee404076-b1cd-11e4-bf39-5560f3918d4b_story.html>. Acesso em: 23 fev. 2015.
- WALTON, Jeremy. The Poverty of Moral Answers to Political Questions: On Perceptions of Islam in the Wake of ISIS. **Jadaliyya**. Washington DC e Beirute, 8 Nov. 2014. Disponível em: <<http://www.jadaliyya.com/pages/index/19907/the-poverty-of-moral-answers-to-political-question>>. Acesso em: 28 jan. 2015.
- WATSON, Leon. Jihadi Terror Group Plc: ISIS Zealots Log Assassinations, Suicide Missions and Bombings in Annual Report for Financial Backers. **Daily Mail**. Londres, 18 Jun. 2014. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2661007/15-000-fighters-1-000-assassinations-4-000->>

IEDs-How-Isis-publishes-annual-report-detailing-reign-terror-Middle-East.html>. Acesso em: 13 fev. 2015.

WELLE, Deutsche; SVENSSON, Birgit. A Vida Sob Domínio do 'Estado Islâmico'. **Carta Capital**. São Paulo, 12 Fev. 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/a-vida-sob-dominio-do-201cestado-islamico201d-6826.html>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

YAHYA, Maha. The Ultimate Fatal Attraction: 5 Reasons People Join ISIS. **Carnegie Middle East Center**. Beirute, 7 Nov. 2014. Disponível em: <http://carnegie-mec.org/2014/11/07/ultimate-fatal-attraction-5-reasons-people-join-isis/htze?mkt_tok=3RkMMJWWf9wsRokvq3NZKXonjHpfsX66u8rW6Og38431UFwdcjKpmjr1YEERMN0aPyQAgobGp5I5FEIQ7XYTLB2t60MWA%3D%3D>. Acesso em: 23 fev. 2015.

*Recebido em 26 de fevereiro de 2015.
Aprovado em 28 de julho de 2015.*

RESUMO

É objetivo deste artigo lançar luz às razões para ascensão e fortalecimento do grupo jihadista ISIS - Estado Islâmico do Iraque e do Levante - e sua atuação na Síria e no Iraque; bem como de que forma opera a administração da vida de milhões de pessoas que residem nos territórios sob seu controle. Adicionalmente, buscaremos esclarecer os fundamentos políticos, históricos e sociais que viabilizaram e fomentaram seu surgimento e atuais avanços militares nestes dois países. Verificou-se que o ISIS possui origens fundamentalmente políticas e é reflexo do desmantelamento do Estado Iraquiano após a queda de Saddam Hussein em 2003 e do vácuo de poder instaurado na Síria após o início de sua guerra civil em 2011.

Palavras-chave: ISIS; Violência Política; Iraque; Síria;

ABSTRACT

This article intends to shed light over the reasons for the rise and strengthening of the jihadist group ISIL - The Islamic State of Iraq and the Levant - and its activities in Syria and Iraq as well as how the administration of the life of millions of people residing in the territories under its control is managed. Additionally, we seek to clarify the political, historical and social foundations that enabled and fuelled its appearance and current military advances in both countries. It has been verified that ISIS has, fundamentally, political origins and is a reflex of the dismantling of the Iraqi state after the fall of Saddam Hussein in 2003 as well as of the power vacuum instated in Syria in the aftermath of its civil war in 2011.

Keywords: ISIL; Political Violence; Iraq; Syria;